

# Índios do Nordeste: temas e problemas



Luiz Sávio de Almeida  
Marcos Galindo  
Edson Silva

## OS TARAIRIÚS, EXTINTOS TAPUIAS DO NORDESTE

---

Olavo de Medeiros Filho (\*)

Ao travarem seus primeiros contatos com os primitivos habitantes do território nacional, cedo os europeus os identificaram em dois grupos distintos: os TUPIS, que falavam a Língua Geral, a Língua Boa - e os TAPUIAS, com diversos idiomas, os chamados Gentios da Língua Travada. O convívio mais estreito entre europeus e indígenas - até então separados pela vastidão atlântica - verificou-se com a nação tupi, habitante do vasto litoral brasileiro.

Considerando-se apenas a antiga Capitania do Rio Grande, ou dos Potiguares, como mero exemplo, constataremos que os tupis habitavam o litoral do território, achando-se representados pela tribo dos potiguares, do ramo tupinambá. A jurisdição de tais indígenas estendia-se da margem setentrional do rio Paraíba até à serra de Ibiapaba, já em território cearense. Para fins deste estudo, deixaremos de lado o que respeita aos tupis e concentraremos nossas atenções em torno dos tapuias, aqueles silvícolas que povoavam, inclusive, os sertões das capitanias nordestinas.

Em 1618, AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO, senhor de engenho, capitão de infantaria e um dos primeiros conquistadores da Paraíba, compunha a sua obra *Diálogos das Grandezas do Brasil*, ocupando-se nos trechos finais do seu livro, em descrever os tapuias, denominando-os tapuins. A descrição etnográfica desses silvícolas, apresentada por Fernandes Brandão, coincide com outras narrativas posteriores, da lavra de autores do partido holandês, mencionadas mais adiante deste comentário.

JOANNES DE LAET, autor da *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde seu começo*

---

(\*) Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

até ao fim do ano de 1636, inicia o ciclo holandês de informações sobre os tapuias que habitavam o Nordeste.

JACOB RABBI, o famoso aventureiro alemão, delegado flamengo junto aos tapuias do chamado rei Janduí, e que viveu alguns anos entre aqueles silvícolas, deixou uma Crônica, oferecida ao conde Maurício de Nassau. A síntese de tal obra foi incluída no livro de GASPAR BARLÉU, *História dos Feitos Recentemente Praticados durante Oito Anos no Brasil sob o Governo de João Maurício, Conde de Nassau*, tratando do período em que Nassau esteve no Brasil, de 1637 a 1644.

ZACHARIAS WAGNER, chegado ao Recife em 1634, tendo posteriormente pertencido ao "staff" do conde Maurício, deixou-nos a sua obra *Zoobiblion*, em que retratou a etnografia dos tapuias de Jan de Wy, já então aliados do partido holandês.

ELIAS HERCKMAN, o terceiro governador holandês da Capitania da Paraíba, empossado em 1636, três anos depois escreveu a *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, na qual faz referência a quatro nações tapuias. Cita inicialmente os Cariryys, que habitavam transversalmente à Capitania de Pernambuco, e cujo "rei" chamava-se Kerioukeiou. Um pouco mais para o interior, moravam os Caririwasys, liderados por Karupoto. A terceira nação era chamada de Careryjouvs. Concluindo a sua exposição, Herkman explica que a nação dos tapuias, particularmente conhecida pelos flamengos, era a dos TARAIRYOU, sendo Janduwy o rei de uma parte da nação, e seu irmão Caracara de outra.

JORGE MARCGRAVE é o autor da *História Natural do Brasil*, publicada em 1648, na qual foi incluído um resumo da crônica de Jacob Rabbi, em que figuram dados etnográficos colhidos por aquele delegado dos flamengos, junto aos janduís.

GUILHERMO PISO também nos dá notícia da tribo Janduí, em seu livro *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, que somente viria a ser publicado em 1658. Piso foi médico pessoal do conde Maurício de Nassau. Nota-se também a influência do relatório de Rabbi, nas observações etnográficas de Piso.

JOAN NIEUHOF, que veio para o Brasil em 1640, aqui permanecendo até 1649, escreveu a *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, que viria a ser impressa em 1682. Nieuhof

informava que os tapuias habitavam no interior do território sob o poder dos flamengos, no espaço compreendido entre o rio Ceará e o rio São Francisco. Nieuhof, baseando-se em Elias Herckman, descreve a existência dos tapuias Cariris, governados por Ceriou Keiou; vizinhos aos mesmos, habitavam os Caririvasu, cujo "rei" era Carapoto; a seguir, vinham os Caririjou, correspondente aos atuais Fulniôs, que ainda habitam em Pernambuco. A quarta nação descrita era a dos Tararijou, "muito conhecidos nossos", chefiada por Janduí, "não obstante alguns deles viverem sob a autoridade de um tal Karakara".

Em 1647, ROULOX BARO realizou uma viagem ao chamado País dos Tapuias, cruzando o território correspondente à antiga Capitania do Rio Grande. De tal viagem Baro nos legou um minucioso Relato, em que menciona diversos episódios relativos àqueles tapuias, e que se acha incluído no livro *História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses e Relação da Viagem ao País dos Tapuias*, de autoria de PIERRE MOREAU e de ROULOX BARO, respectivamente. A obra conta com comentários explicativos por CLAUDE BARTHOMY MORISOT.

Um relato muito informativo, escrito pelo final do século XVII, ou início do seguinte, foi-nos legado pelo capitão PEDRO CARRILHO DE ANDRADE, participante do Terço dos Paulistas do mestre-de-campo Manuel Álvares de Moraes Navarro. Tal narrativa, escrita por quem participou da chamada Guerra dos Bárbaros, aparece na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Vol. VII, 1909), sob o título de *Memória sobre os Índios no Brasil*.

Tais autores são suficientes para o estudo da etnografia dos tapuias TARAIRIÚS, cujo "rei" mais famoso foi Janduí. Os seus liderados passaram à nossa historiografia sob a denominação de janduís, ou janduins. Os próprios tarairiús se auto-denominavam de OTSHICAYAYNOE.

Através do que se depreende de todos os relatos acima referidos, salienta-se a evidência de que os tapuias tarairiús não eram os mesmos tapuias cariris. Sob o prisma linguístico e cultural diferenciavam-se perfeitamente. Tais contrastes essenciais passaram despercebidos ao historiador paraibano IRENÊO JOFFILY, autor das *Notas sobre a Paraíba*, publicação de 1892. Joffily, interpretando

apressadamente a *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, de Elias Herckman, generalizou como pertencentes à nação cariri, todos aqueles outros tapuias moradores no interior das capitanias outrora ocupadas pelos dominadores flamengos.

Joffily classificou os tarairiús como se fossem uma mera facção dos cariris, lapso que recebeu a chancela do historiador CAPISTRANO DE ABREU, autor do prefácio aposto ao livro já citado. Daí por diante até os dias atuais, quase todos os autores que se ocuparam dos tapuias nordestinos adotaram o termo cariris para designar, indistintamente, aqueles silvícolas que não falavam a língua geral, inclusive os janduís e seus aparentados. Estudos posteriores de THOMAZ POMPEU SOBRINHO, de PAUL RIVET e de CESTMIR LOUKOTKA, vieram lançar luzes sobre a controvérsia, retificando aquele lamentável engano de interpretação etnográfica cometido anteriormente.

Os mais abalizados estudos apresentam como tendo pertencido ao grupo TARAIRIÚ, as seguintes tribos tapuias, muito citadas em nossa historiografia nordestina do período colonial: JANDUÍS, ARIÚS ou PEGAS ( liderados pelo "rei" Pecca), SUCURUS, CANINDÉS, JENIPAPOS, PAIACUS, PANATIS, JAVÓS, CAMAÇUS, TUCURIJUS, ARARIÚS, COREMAS.

A seguir, condensaremos os dados etnográficos fornecidos pelos velhos cronistas, descrevendo o perfil dos tapuias tarairiús:

#### **TERRITÓRIO HABITADO PELOS TARAIRIÚS**

Os tarairiús espalhavam-se do Ceará ao rio São Francisco. Segundo Jacob Rabbi, o acampamento principal do rei Janduí ficava localizado no rio Otschunogh (Açu), cujo vale recebia o nome de Kuniangeya. Nas laterais do rio, nas proximidades daquele acampamento ficavam as lagoas Bayatagh (Piató) e Igtug (Itu, ou Ponta Grande). Segundo o relato dos antigos cronistas, os tapuias ocupavam as terras do sertão semi-árido do Nordeste, que ali habitavam nas bacias dos rios Açu, Apodi e respectivos afluentes.

#### **APARÊNCIA FÍSICA**

Os antigos cronistas ressaltam a elevada estatura dos tarairiús do sexo masculino, em contraste com a baixa estatura das mulheres. Aqueles tapuias eram muito robustos, dotados de incrível força física.

Possuíam uma cor atrigueirada, “uma espessa pele bruna”. As mulheres eram consideradas bonitas de cara, apresentando-se gordas e grossas. O olhar selvagem dos tapuias impressionava os cronistas. Possuíam as cabeças grandes e largas, detalhe bem exposto nas telas do holandês ALBERT ECKHOUT. Em tais cabeças, encontra-se a origem dos “cabeças chatas” nordestinos...

Os tapuias apresentavam ossos grossos e fortes. Seus cabelos eram pretos, espessos e ásperos. Os penteados que usavam podem ser constatados através das pinturas de Eckhout, pintor que esteve no Brasil, a serviço do conde de Nassau.

Andavam inteiramente nus; apenas, os homens atavam um cendal às suas partes genitais, e as mulheres usavam uma espécie de avental em torno dos quadris, confeccionado de folhas frescas. Os tapuias pintavam-se à maneira dos demais silvícolas: com tintas extraídas do jenipapo e do urucu. Portavam lindas penas de aves, introduziam ossos, penas, pedras e pedaços de madeira nas orelhas, narizes, bochechas e lábios. Calçavam sandálias, feitas da casca de uma árvore chamada curaguá. Depilavam-se, inclusive as sobrancelhas.

#### SAÚDE, DOENÇAS E MORTE

A longevidade dos tapuias tarairiús impressionou os antigos cronistas. Chegariam à prolecta idade de 200 anos! O rei Janduí gozava do conceito de contar 160 anos, ainda lépido e capaz de conduzir um tronco de carnaúba aos ombros, em plena carreira! Pedro Carrilho de Andrade dizia-os serem “homens bem dispostos, sadios, sem achaques e de largas vidas, que bem se podiam comparar com as cobras, de quem dizem os poetas que não morrem nunca de velhas, senão quando as matam”...

Adoecendo um tarairiú, eram empregados alguns recursos “medicinais”: escarificações cutâneas, sucções bucais, de encontro à parte ofendida; provocação de vômitos, com a introdução de folhas silvestres enroladas na garganta do paciente. Também defumações com tabaco, e aplicações salivares.

Na hipótese de se convencerem os indígenas da incurabilidade do paciente, simplesmente matavam-no com golpes de clava. Antes do episódio mortal, congratulavam-se os matadores com

o doente, e este com eles, por lhe caber morrer virilmente, furtando-se assim aos sofrimentos!

Segundo as crônicas, os indígenas eram muito vitimados por acidentes causados por picadas de cobras e mordidas de piranhas, terríveis peixes que, ainda hoje, infestam as águas dos nossos rios e lagoas.

Praticavam os tarairiús o endocanibalismo. Até os próprios ossos dos falecidos tapuias eram consumidos, depois de devidamente secos pelo calor solar, sendo em seguida cremados ao fogo, pisados e pulverizados. Os cabelos também eram ingeridos, depois de reduzidos a partículas diminutas, sendo dissolvidos na água, ou misturados com mel silvestre e comidos com tapiocas!

No local em que morriam pessoas importantes da tribo, colocava-se uma memória, ali se reunindo todos os anos os seus companheiros, "para fazerem uma oferenda ao Diabo".

Também era praticada a antropofagia contra os inimigos da tribo, os quais eram dilacerados por feroz vingança.

#### **VIDA AMOROSA**

Aparecidos os sinais de puberdade, a donzela já se achava em condições de casar-se. Tais sinais eram revelados pela mãe aos feiticeiros, que participavam a ocorrência ao rei. Passava então a moça a ser guardada na casa dos pais. Depois da devida permissão para o matrimônio, concedida pelo rei, ocorria a cerimônia de núpcias, ocasião em que o genro agradecia à mãe da noiva os cuidados tidos pela mesma com a preservação da virgindade da filha...

Na época da escolha dos pares, executavam-se cantos e danças. A moça tarairiú colocava-se, por ocasião de tais danças, por detrás do rapaz por ela escolhido, o que equivalia a um futuro compromisso de casamento. Na fase de noivado, o rapaz presenteava o rei com gados e frutos, e o futuro sogro com caça e mel silvestre. Submetia-se também à prova de correr com um tronco aos ombros.

Na hipótese de não surgir um candidato ao casamento com uma determinada moça, esta era levada à presença do rei, que a desvirginava.

Por ocasião da cerimônia matrimonial, os nubentes masculinos recebiam um buraco em cada uma das faces, em que eram introduzidos pequenos enfeites de paus ou ossos, com 3 a 5 polegadas de comprimento. A festa matrimonial estendia-se por quatro ou cinco dias, quando então a noiva era conduzida ao noivo, à tarde, ocasião em que ocorria uma dança aparelhada, em que se cantava em altíssimas vozes.

Os tarairiús eram polígamos e as festividades matrimoniais eram reservadas apenas para a primeira esposa. O número de mulheres em poder de um tapuia era sinal de grande prestígio. O régulo Janduí, nos bons tempos, chegara a possuir cinquenta mulheres! Segundo os antigos cronistas, Janduí foi pai de sessenta filhos, o que representava um número reduzido, em comparação com a grande quantidade de esposas que possuía.

Sobre o adultério, não era o mesmo suportado pelos tarairiús. Além de ser uma ocorrência rara, tal episódio poderia acarretar a morte dos infratores. Janduí chegou a matar algumas de suas mulheres, em virtude de adultério praticado pelas mesmas...

Quando um tapuia matava, em combate singular, um da própria tribo, passavam a pertencer-lhe a esposa e os filhos do morto.

#### **GRAVIDEZ, PARTO E INFANTES**

Achando-se a mulher tarairiú grávida, o seu companheiro abstinha-se de relações com a mesma e coabitava com outra. Tal abstenção sexual prolongava-se por todo o período da lactação. Prestes a dar à luz, ou logo após, a tapuia retirava-se para as matas e esconderijos, se o céu estivesse sereno. Nascido o infante, cortava-lhe o umbigo com um caco afiado ou um concha, devorando, a seguir, o umbigo juntamente com a placenta, depois de cozê-los.

Na fase puerperal, a mãe e o filho lavavam-se na água corrente duas vezes ao dia, pela manhã e à tardinha. Ocorrendo uma mudança de acampamento, outra mulher cuidava da criança, poupando a mãe de tal tarefa. Os homens tarairiús, à época do parto das esposas, deitavam-se à maneira de parturiente, comendo então doces e manjares, manifestando de tal maneira a necessidade de "restaurar" as forças perdidas. Tal resguardo masculino estendia-se por oito ou mais semanas...

A respeito dos natimortos, as tarairiús adotavam o costume de devorar tais fetos, sob a alegação de que não lhes poderiam proporcionar uma sepultura mais condigna do que o próprio ventre de que tinham provindo.

As crianças começavam a andar na idade de nove ou dez semanas, época em que também eram lançadas na água para aprenderem a nadar. Esse fato insólito, até há pouco tempo desacreditado pelos estudiosos, parece ver-se confirmado na Rússia, onde criancinhas de tenra idade repetem os precoces feitos aquáticos dos infantes tarairiús...

Na hipótese de falecer uma criança tarairiú, era a mesma comida pela própria mãe e suas parentas. Aos sete ou oito anos, os meninos eram submetidos à cerimônia de perfuração do lábio inferior e das orelhas. Na mesma ocasião da cerimônia, também era colocado um nome no infante.

Desde tenra idade, os tapuias exercitavam-se em destrezas e forças, tais como lutar, correr e saltar. Tornavam-se também exímios nadadores, não se encontrando um só deles que não soubesse nadar.

#### **FEROCIDADE, ARMAS E LUTAS**

Segundo as antigas crônicas, os tarairiús eram temidos de todo o demais gentio. Apresentavam um semblante ameaçador, um olhar feroz. Eram cruéis e nada lhes era vergonhoso, quando pretendiam a vingança e a glória. Em seus combates adotavam a tática da surpresa, tentando pela astúcia o que não tinham condições de proceder pela força, preferindo enganar o inimigo a enfrentá-lo em guerra aberta. Possuíam eles a inclinação natural de guerrear, matar, fazer sangue, acostumados e exercitados nas mortes das caças e feras. Entre os tarairiús, não tinham nome nem fama aqueles que não fizessem "morte em-gente humana". Na ocasião da vitória eram propensos a matar os inimigos indistintamente. Acolhiam os amigos com alegria, ocasião em que choravam; deparando-se com um inimigo, simplesmente matavam-no.

Os tarairiús igualavam-se às feras, na velocidade do correr, atividade a que podiam se dedicar um dia inteiro. Às vezes, carregavam sobre os ombros um tronco de carnaúba, correndo com o mesmo três ou quatro léguas sem descansar.

Os tapuias tarairiús não usavam o arco. Seus dardos eram impulsionados através de uma meia-cana côncava, espécie de propulsor. Portavam tal canudo, ou prancheta, no dedo. Também usavam pesados espadões de madeira preta, ou de uma outra também sólida, como o pau-brasil. As pinturas de Albert Eckhout retratam com fidedignidade essas clavas, com as quais os tarairiús eram capazes de partir um homem ao meio, de um único golpe. Os tarairiús também portavam pequenos machados de pedra, munidos de longos cabos.

Os tarairiús de Janduí foram preciosos aliados dos dominadores holandeses. Amigos que, quase sempre, deixavam os flamengos temerosos, devido à irreprimível agressividade desses silvícolas.

Por ocasião da chamada Guerra dos Bárbaros, que teve o seu início cerca de trinta anos após a expulsão dos flamengos, os janduís, ainda saudosos dos seus amigos neerlandeses, entraram em luta contra os conquistadores de suas terras, luta que se prolongou por mais de quatro décadas. Os tarairiús, já manuseando armas de fogo, chegavam a fabricar a própria pólvora necessária ao emprego de tais armas. Também já se haviam convertido em ótimos cavaleiros, sendo considerados hábeis “ladrões de cavalos”...

#### HABITAÇÕES E ACAMPAMENTOS

A natureza mutável do sertão, consequência das secas e estiagens, obrigava os seus primitivos moradores a um regime nômade de vida. Não tinham aldeias nem casas ordenadas, passando a vida completamente ao ar livre. Mudavam frequentemente de acampamento, ao sabor das contingências alimentares. Os tapuias evitavam as marchas noturnas, com medo de cobras e serpentes, somente iniciando suas viagens após haver o sol desfeito o orvalho dos campos. Nos meses de novembro, dezembro e janeiro, quando o caju começava a amadurecer, eles vinham para o litoral, pois eram raros os cajueiros no sertão.

Os tarairiús levantavam ramadas, em forma de um V invertido, com a finalidade de servirem de abrigos, contra o sol ardente ou a chuva. À noite faziam imensas fogueiras, ao longo das quais estendiam suas redes para se aquecerem. Costumavam passar as noites a cantar, sob intenso contentamento.

Quando acampados, procuravam iniciar o dia com um banho de rio, após o que, esfregavam-se com areia grossa, banhando-se novamente em seguida. Aqueciam-se ao fogo e esscarificavam a pele com uma espécie de rapador feito de dentes de peixes.

Por ocasião das mudanças de acampamento, tomavam a medida de atear fogo ao mesmo. Ao partirem dali, transportavam consigo dois troncos de árvore conservados no chão, à distância de um tiro de pedra da tenda do rei. Dois grupos, cujos participantes eram revezados sucessivamente, transportavam tais troncos sobre os ombros, em desabalada carreira, até o novo local escolhido para acampamento. Tal prática era um motivo de intensa diversão e emulação. BARO dava a tal espécie de esporte praticado pelos tarairiús, a denominação de correr a árvore. As mulheres e crianças transportavam as armas, as bagagens e os trastes.

Chegados ao local destinado ao novo acampamento, iam os tapuias cortar árvores, cravando os galhos e ramagens à beira dos rios para desfrutarem da sombra. Os homens saíam a apanhar os peixes, ou para caça e recolher o mel silvestre, enquanto as velhinhas arrancavam raízes destinadas ao fabrico da farinha e seus pães. As mulheres dedicavam-se às lides culinárias, preparando as comidas e bebidas.

Realizavam-se certames de lanças, corridas e lutas.

#### CAÇA, PESCA E AGRICULTURA

A alimentação básica dos tarairiús compunha-se de caça, pesca, mel silvestre, frutos e alguns produtos de roça. Apreciavam muito as cobras e lagartos. Viviam gordos e sadios. Não guardavam para o dia seguinte, o alimento que pudessem comer de imediato. Possuíam um apetite impressionante. Segundo os neerlandeses, os tarairiús podiam consumir a alimentação que seria suficiente a cinco ou seis europeus!

Quando acoçados pela fome, aqueles tapuias conseguiam passar até cinco dias sem comer, auxiliados por certas cascas de árvore que atavam ao ventre, e que tinham o efeito de fazê-los esquecer a fome.

Quando não encontravam água para beber, contentavam-se então com aquela fornecida pelo orvalho da madrugada e que se

acumulava nos cantos e recantos dos lajedos. Tal falta d'água forçava os tarairiús a fazerem uma ou duas incursões anuais ao litoral.

Os tapuias possuíam admirável agudeza de olfato, qualidade utilíssima à vida de caçadores que levavam.

Quando trovejava e soprava fortemente o vento, havia uma abundantíssima pescaria, na lagoa Bayatach (Piató, no Açu). Os peixes eram tão gordos que dispensavam o uso de gorduras para prepará-los. Tal lagoa, nos meses de março a abril recebia o transbordamento do rio Otschunogh (Açu), mal conseguindo as mulheres da tribo transportar todo o peixe apanhado, para o acampamento.

Os tarairiús assavam as carnes consumidas. Ao término das refeições, entoavam cantos e dançavam. Fabricavam uma espessa bebida à base de mel de abelhas, a qual tinha a coloração branca como o leite. Suas farinhas e pães eram feitos com a fécula de uma raiz, por eles denominada de attouh(atug), correspondente à mandioca.

Quando o rio Açu voltava ao seu leito, os tarairiús dedicavam-se ao plantio de milho, jerimuns, amendoins, etc. Antes do plantio havia uma cerimônia realizada pelos feiticeiros, destinada a propiciar a fertilidade do terreno. Barléu nos descreve os detalhes dessa cerimônia, algo de realmente belo.

Na descrição da viagem de Roulox Baro, constata-se que os tarairiús de Janduí plantavam roças sobre a atual Chapada da Serra Verde, que àquela época recebia a denominação de Moytiapoa, localizada no atual município de João Câmara (RN).

#### LINGUAGEM DOS TARAIRIÚS

O idioma dos tapuias tarairiús, com quem trataram principalmente os cronistas holandeses e os missionários das Aldeias, infelizmente não foi preservado. Assim, não dispomos de informações sobre o léxico daqueles tarairiús, do qual muitas palavras ainda perduram, ornando os acidentes geográficos dos nossos sertões.

Através da observação dos textos que nos foram legados pelos cronistas flamengos, poderemos identificar poucos termos tarairiús:

CARFA - Descrito por Herckman, era um peixe "cujo corpo tem a forma de um porco, exceto a cauda, que é de peixe". Era a piranha, peixe capaz de devorar facilmente qualquer animal.

CORPAMBA - Árvore de cujas sementes os tapuias preparavam um alucinógeno.

CORRAVEARA - Árvore de cujo tronco os tapuias faziam os pesos utilizados nas suas correrias. Tudo indica tratar-se da carnaubeira.

MANUAH - A Cobra de Veado.

OIUGI - A Cobra Cascavel.

UVA - Espécie de beberagem feita de mel silvestre e frutas (abacaxi).

O etnógrafo <sup>alemão</sup> ~~sueco~~ CURT NIMUENDAJU colheu diversos termos do extinto idioma falado pelos indígenas sucurus, habitantes em Ararobá, como sabemos pertencentes ao mesmo tronco tarairiú.

O pesquisador paraibano JOSÉ ELIAS BARBOSA BORGES, dedicado há muitos anos ao estudo dos tapuias tarairiús, vem desenvolvendo um trabalho de coleta de palavras do extinto idioma. Segundo BARBOSA BORGES, em informações que por ele nos foram prestadas, tem-se observado em muitos termos uma aproximação com o idioma falado pelo grupo Jê:

PORTUGUÊS	TARAIRIÚ	DIALETOS JÊS	CARIRI
Água	kaité	nko	dzu
Cabeça	kreká	krã	tçambu
Cabelo	unj	sun	dü
Casa	sekri	ikré	crá
Comer	Kringó	khrem	ami
Dormir	gon-yá	nogon	uni
Filho	ako	ikra	inhurae
Fogo	kiró, kia	korru, kuwi	isu
Mão	koreke	bkhra	müsã
Mulher	krippó	mprom,piko	tidzi
Nariz	sikrin	khra	naembi
Olho	aço	nto	do
Orelha	bandulak	mpak	benhé
Pé	poiá	par	bü

## DEMÔNIOS E ESPÍRITOS

Os tapuias tarairiús adoravam a Ursa Maior, ou Setentrião, vulgarmente denominados de Carreta. Ao divisarem pela manhã, tal constelação, alvoroçavam-se e dirigiam-lhe cantos e danças. Suas lendas descreviam uma raposa que teria suscitado contra eles o ódio do seu deus, que deles afastou a proteção. Conservavam a tradição de que, em tempos remotíssimos, encontravam alimentação sem necessidade de esforço, gozando ademais de uma ótima vida. Tais facilidades haviam sido perdidas em consequência da ofensa feita ao Setentrião, que de tal forma os condenara ao sofrimento.

Os cronistas referem-se ao preponderante papel desempenhado pelos feiticeiros e agoureiros (adivinhos), junto aos tarairiús. No entender dos cronistas de antanho, tais tapuias eram adoradores do Diabo, a quem prestariam culto, servindo-lhes de intermediários aqueles sacerdotes.

Segundo a crença tapuia, após a morte dos silvícolas, estes iriam em sua forma espiritual à presença do demônio, que os inquiria sobre a natureza da morte, sofrida na terra. Depois das devidas explicações, era-lhes oferecido um local de morada, repleto de delícias, onde abundavam peixe e mel...

Nas planícies sacrificavam às pedras e penedos que topavam, para não serem, conforme acreditavam, por eles mordidos.

Nada do que interessava à comunidade era resolvido sem o conselho dos sacerdotes. Segundo o testemunho pessoal de diversos cronistas, os feiticeiros tapuias conseguiam a materialização de espíritos sob a forma de animais ou de tapuias. Deixavam-se invadir pelos espíritos malignos, e começavam a proferir profecias.

Os feiticeiros costumavam dirigir-se a locais ermos, a fim de manterem contatos pessoais com os chamados demônios. O próprio rei Janduí costumava acompanhar os feiticeiros em tais viagens. Em certas ocasiões - e Baro foi testemunha de uma dessas ocorrências - alguns demônios vinham ao acampamento tarairiú, acompanhados dos feiticeiros, ocasião em que eram alojados em uma cabana especial, ficando então à disposição dos tapuias interessados em consultá-los.

A agressividade dos tarairiús era tamanha, que às vezes o próprio demônio era vítima de espancamentos praticados pelos ditos

consulentes, na hipótese de não lhes agradarem os vaticínios proferidos!...

Por ocasião da chegada dos demônios, todos os fogos do acampamento eram extintos. Um desses seres misteriosos era conhecido pelo nome de HOUCHA (UXÁ). Em determinado momento ele desapareceu instantaneamente das vistas dos tapuias, "deixando grande espanto e tristeza".

O uso da fumaça do tabaco era indispensável por ocasião das visitas dos demônios. Havia uma certa planta denominada corpamba, que pilada e reduzida a pó, era adicionada à água e ingerida pelos feiticeiros. Imediatamente a beberagem saía-lhes pelo nariz e pela boca, agitando-se os feiticeiros como possessos, pondo-se a correr e a berrar.

Na cabana do rei Janduí encontrava-se uma cabaça ou caixa sagrada, à qual eram presenteados produtos da caça, mel e frutos agrícolas. No interior da cabaça encontravam-se pedras chamadas quenturá, para os tapuias mais preciosas do que ouro. Tal cabaça servia para fins adivinhatórios, e nela também os tapuias acreditavam transportar o Diabo, por ocasião de suas festas.

Os sacerdotes também cuidavam da medicina tribal. Empregavam defumações de tabaco, além de aplicações salivares.

Jorge Marcgrave, baseado em Rabbi, menciona um certo local distanciado 45 horas de jornada do rio Otschunogh, em cujo sítio os tarairiús iam acampar, à época em que os frutos estavam maduros. Ali realizavam eles cultos em honra do sete-estrela e de outras estrelas, ocasião em que, como de costume ocorriam danças e cantos.

#### **ALDEAMENTO E DESAPARECIMENTO DE UMA ETNIA**

Concedidas as primeiras datas e sesmarias no interior semi-árido do Nordeste, certos grupos tapuias, principalmente aqueles aparentados dos janduís, começaram a sentir os efeitos negativos representados pela desapropriação de suas terras, para eles indispensáveis à obtenção de sua alimentação voltada para a caça, a pesca e a coleta de mel.

Quando já se encontrava bem promissora a criação extensiva dos rebanhos bovinos e cavalares, naquele sertão, irrompeu um intenso movimento de reação à presença dos fazendeiros, por parte

dos tapuias, fenômeno que é conhecido nas crônicas da época como a GUERRA dos BÁRBAROS, ou LEVANTE DO GENTIO TAPUIA. Tal movimento de auto-preservação dos tapuias recebeu, por parte de escritores mais românticos, a denominação de Confederação dos Cariris, quando sabemos que os cariris em grande número, foram utilizados como combatentes, na repressão àquele levante, em que predominou o elemento tarairiú, cuja tribo mais famosa foi a dos janduí. A obra básica que trata da insurreição dos tapuias foi publicada em 1936, sob o título de A GUERRA DOS BÁRBAROS, de autoria do insigne historiador paulista Affonso de E. Taunay. Este recorreu à documentação existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Arquivo do Estado da Bahia, no Arquivo de Marinha e Ultramar, de Lisboa, depois denominado de Arquivo Colonial, compendiando a codificação de todo esse material disperso, impresso e manuscrito.

A Guerra dos Bárbaros teve o seu início no ano de 1683, sendo o seu epicentro a Capitania do Rio Grande. Como consequência de tal guerra, milhares de tapuias foram degolados, suas mulheres e crianças tornadas prisioneiras e escravizadas. Outros milhares abrigaram-se junto às missões religiosas, escapando à morte ou à escravidão. Os que puderam, fugiram para o Piauí e Maranhão.

Por volta do ano de 1749, mais de duas décadas após o desaparecimento dos combates entre o partido português e os tapuias janduí e seus aparentados, os remanescentes tarairiús achavam-se aldeados junto a diversas missões religiosas. *A Informação Geral da Capitania de Pernambuco* (Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1906, Vol. XXVIII), datada de 1749, pouco mais ou menos, aponta a presença tarairiú nas seguintes Aldeias, cuidadas por missionários de diversas ordens religiosas. Raramente os tarairiús compartilhavam de uma mesma aldeia, com gentios de outras nações.

ALDEIA DA SERRA DE IBIAPABA, em local hoje correspondente a Viçosa (CE). Tapuias arariús ou irariús, ocupando uma das quatro missões que compunham a Aldeia.

ALDEIA DO PAIACU, existente em território atual de Aquirás, Ceará. Tapuias paiacus, da mesma nação tarairiú.

ALDEIA DA PALMA, localizada no saco da Serra da Palma, ao sul da bacia do Açude do Cedro, próximo a Quixadá (CE). Habitada por tarairiús canindés e jenipapos.

ALDEIA DO GUAJIRU, onde hoje encontra-se a cidade de Estremoz, no Rio Grande do Norte. Ali moravam tapuias paiacus, da nação tarairiú.

ALDEIA DO APODI, correspondente ao local em que se encontra a cidade de Apodi, no Rio Grande do Norte. também composta de tapuias paiacus.

ALDEIA DA BOA VISTA, localizada na Serra de Bananeiras, na Paraíba. Ali ficaram aldeados tapuias canindés e sucurus, da nação tarairiú.

ALDEIA DA CAMPINA GRANDE, na atual cidade paraibana de Campina Grande. Ali moravam tapuias Cavalcantis (uma facção dos ariús), também tarairiús.

ALDEIA DO PANATI, em território paraibano de Piancó. Habitada por tapuias panatis, da nação tarairiú.

ALDEIA DO COREMA aldeamento dos tapuias coremas, também tarairiús. Corresponde à cidade paraibana de Coremas.

ALDEIA DOS PEGAS, correspondente ao território ora ocupado por Pombal, na Paraíba. Os pegas eram os mesmos ariús pequenos, também tarairiús.

ALDEIA DO ARAROBÁ, em território de Ararobá, Pernambuco. Ali achavam-se aldeados tapuias da nação tarairiú, pertencentes à tribo dos sucurus.

Em 1757, existiam na Serra de João do Vale, no atual município de Belém do Brejo do Cruz(PB), as chamadas Missões dos Pegas, de que era missionário o Pe. Antônio Saraiva da Silva. Tais tapuias foram transferidos, em 1761, para a Aldeia de Sant'Ana do Mipibu, hoje São José de Mipibu, no rio Grande do Norte.

Na velha documentação pertencente à Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação da Cidade do Natal da Capitania do Rio Grande, arquivada no nosso Instituto Histórico e Geográfico, deparamo-nos com assentamentos relacionados com escravos tapuias, a partir do ano de 1727, muitos deles casados pelos seus Senhores com cônjuges da raça negra. Tal ocorrência, que é digna de um melhor estudo, talvez tivesse por finalidade velada a completa extinção da etnia tarairiú.

Através do Alvará de 3 de maio de 1757, do Marquês de Pombal, os missionários perderam a jurisdição temporal que detinham em todo o Brasil sobre os indígenas. Estabeleceu-se a liberdade das pessoas, bens e comércio dos índios, elevando-se a vilas as aldeias por eles habitadas, cessando assim o governo temporal exercido pelos religiosos.

As aldeias, transformadas em vilas, passaram a ser governadas por seus diretores, do que resultou que as terras dos indígenas fossem, pouco a pouco, alienadas por venda, ou simplesmente desapropriadas. Os índios, privados de sua base econômica, converteram-se em explorados trabalhadores rurais. No Rio Grande do Norte, a noção da identidade indígena perdurou até, mais ou menos, os meados do século passado.

A intensa miscigenação sofrida pelos remanescentes étnicos indígenas, terminou por fazê-los perder a própria noção de suas origens. A pobreza, a ignorância, o atraso social, são companheiros inseparáveis dos descendentes dos antigos donos da terra.

Bibl. ?